

Poesia para jovens leitores

José Hélder Pinheiro Alves*

Nosso objetivo é apontar perspectivas de abordagem do poema para leitores jovens, sobretudo no âmbito da sala de aula. Chamamos a atenção para o risco que corremos de trabalhar com obras que não apresentam qualidade estética que garantam uma formação sensível do jovem leitor. O caminho que nos parece mais promissor, embora mais difícil, devido a pouca prática de leitura de poemas entre professores, é o da busca, na obra de nossos grandes poetas, de poemas que respondam ao horizonte de expectativa do leitor jovem. As sugestões que fazemos de poemas e de procedimentos dão continuidade a um trabalho que vimos empreendendo desde a década de 90 no sentido de estimular professores, pedagogos, estudantes de Letras para importância do trabalho com o poema na sala de aula. Uma prática que poderíamos cultivar sempre mais é a da troca de experiências. Há coisas boas sendo feitas e que passam despercebidas. Ouvi de uma professora da rede municipal de Campina Grande, que dispunha de pouco material, o seguinte depoimento: recorto poemas, contos, crônicas e outros textos literários de antigos livros didáticos, colo em cartolina ou outro papel mais duro e levo dezenas de textos para sala de aula. Desta forma ela propicia leitura diferenciada de gêneros e textos. É claro que isto não soluciona o problema da leitura literária mas revela a atitude de quem está comprometido, de quem está disposto a enfrentar as adversidades.

As sugestões e reflexões que seguem nasceram quase todas da experiência de leitura de poemas em sala de aula. Alguns ainda quando trabalhávamos no nível fundamental e médio. Outros, em cursos de extensão e na disciplina Teoria da literatura I, no curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande.

Emergência

Antes de escrever esse artigo percorri estantes de bibliotecas, livrarias, revistas especializadas e anais de congressos em busca de reflexões, sugestões e registros de experiências acerca do trabalho com o poema em sala de aula. Encontrei pouca coisa, embora já haja um sensível crescimento de pesquisas no âmbito do trabalho com o poema. Reflexões sobre leitura literária há muitas e boas. Mas elas quase sempre lançam mão de exemplos de obras em prosa. A poesia muitas vezes nem sequer é trabalhada. Nossa grande escritora Ana Maria Machado, em artigo sobre *O desafio dos jovens leitores*, nos lembra que

criança aprende pelo exemplo. Se vê gente comendo de talheres, amarrando sapatos, vendo televisão, torcendo por um time, vai ter vontade de imitar. Se nunca vê ninguém à volta com livro na mão, nem vai desconfiar que isso possa ser coisa que se faça fora da escola (2001:149).

Creio que ela tem razão, mas creio também que há bem mais para se pensar nesta questão. Se a criança e o jovem pouco vêem seus professores, pais e amigos lendo, muito menos lendo livros de poemas e se quase não ouvem alguém lendo poemas em voz alta – nem na escola, nem em casa, nem no teatro – como esperar que eles tenham um gosto minimamente desenvolvido por este gênero?

Um pequeno exemplo: em recente pesquisa sobre os livros indicados para leitura em doze escolas particulares de Campina Grande, não havia sequer uma indicação de livros de poemas¹. Este é um fato e contra os fatos não há muito que argumentar.

Mas se contra os fatos não há argumentos, há, porém, possibilidade de intervir nesta realidade; e há,

* Professor de Literatura na Universidade Federal de Campina Grande, PB, autor de *Cordel na sala de aula*, com Ana Cristina M. Lúcio, *Poesia na sala de aula* e de livros e ensaios voltados para problemática literária e ensino.

¹ O levantamento parcial dos dados da pesquisa foi realizado por Ilka Maria, ex-aluna do curso de Letras da UFCG.

sobretudo, possibilidade de resistir e tentar minar a realidade. Para nos dispormos a enfrentá-la com propostas efetivas é preciso acreditar que a poesia é essencial à vida. Que o acesso a ela é um direito de toda criança e todo jovem. Se a criança ou o jovem vai, depois, se tornar um leitor de poesia não temos como afirmar, mas temos o dever de levá-lo a ter contato com uma poesia em que estejam representados seus desejos, dúvidas, medos, alegrias, enfim, sua experiência de vida. Mas, também, proporcionar-lhe leituras desafiadoras que possam questionar posições, preconceitos e a colaborar para que se tornem leitores mais exigentes. Nem sempre é bom respeitar o gosto, uma vez que sabemos que o nosso gosto e o de nossos alunos estão impregnados das facilidades que a sociedade de consumo nos impinge a todo instante. É preciso também estar atento ao modo como se dará o encontro do jovem leitor com o poema. O conhecimento das expectativas do leitor e de textos que estão em sintonia com essas expectativas não é suficiente. É indispensável pensar metodologias de abordagem tendo em vista cada sala, cada situação nova. Inúmeras vezes encontramos alunos e alunas que resistem a poemas de Drummond, de Cecília Meireles, de Manuel Bandeira. Nestas situações, alguns professores agem estranhamente, chamando os alunos de burros, de insensíveis... não há a velha paciência histórica, a consciência de que se o aluno tem dificuldade de gostar de algo a que poucas vezes teve acesso. E se o teve foi via livro didático, de um modo nem sempre adequado. E o professor, que deverá ser o mediador desta experiência com a poesia, precisa estar convencido de que o acesso à poesia é um direito e, mais que isto, como afirma Quintana (1984: 27), uma *Emergência*, por que:

*Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
- para que possas, enfim, profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.*

Outros exemplos

Poderíamos parafrasear o poeta, dizendo: Quem lê um poema para seus alunos, para seu(s) filho(s), para seu(s) amigo(s), abre muitas janelas. Às vezes, realmente, um poema pode salvar um afogado. Mas as experiências com o poema e com a leitura literária em geral nem sempre se mede, elas habitam um espaço difícil de mensurar. Não se trata de fazer nem teorismo, tipo diferenciar linguagem literária da não literária ou reconhecer a função poética ou metalinguística da linguagem. Trata-se de possibilitar um encontro mais íntimo com a poesia. Mas para não sermos rotulados de pouco objetivo, ouçamos mais um

poema, ainda de Mario Quintana (1983:114). Chama-se Bilhete

*Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
enfim,
tem de ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve ainda....*

Há cerca de vinte anos venho lendo esse poema para adolescentes, professores do ensino fundamental e médio e estudantes de Letras. A sensação que tenho é a de que poucas pessoas ficam indiferentes diante dele. Sua filiação ao topo do *carpe diem* se dá de modo peculiar; a perspectiva de um amor que recusa a estandartização – como não lembrar dos famosos carros de som com mensagem de amor, fogos, para que o bairro todo fique sabendo que um marido ou namorado “ama” determinada pessoa. Nada de pressa, nada de estandarte. A leitura oral – e esta é uma questão metodológica fundamental – pode ajudar na aproximação do poema. Ele deve ser lido com suavidade, sem arroubos. Quem não desejaria ouvir isto sussurrado ao seu ouvido. Textos assim tendem a calar fundo na alma dos leitores e, repito, de um modo pouco mensurável, formar um gosto mais refinado e a levar o jovem a entender por que a poesia é essencial. E se quisermos mais, ele traz aquela resistência de que nos fala Alfredo Bosi e Adorno, típica da poesia lírica. Isto é, ele parece infenso ao véu da ideologia, como nos lembra o filósofo alemão. Agora vamos ler outro poema de Quintana (1983:140), Indivisíveis

*O meu primeiro amor sentávamos numa pedra
Que havia num terreno baldio entre as nossas
casas.
Falávamos de coisas bobas,
Isto é, que a gente grande achava bobas
Como qualquer troca de confidências entre crianças
de cinco anos.
Crianças...
Parecia que entre um e outro nem havia ainda
separação de sexos
A não ser o azul imenso dos olhos dela,
Olhos que eu não encontrava em ninguém mais,
Nem no cachorro e no gato da casa,
Que apenas tinham a mesma fidelidade sem
compromisso
E a mesma animal – ou celestial – inocência,
Porque o azul dos olhos dela tornava mais azul o
céu:
Não, não importava as coisas bobas que disséssemos.
Éramos um desejo de estar perto, tão perto
Que não havia ali apenas duas encantadas criaturas*

*Mas um único amor sentado sobre uma tosca pedra,
Enquanto a gente grande passava, caçoava, ria-se,
não sabia*

*Que eles levariam procurando uma coisa assim por
toda a sua vida...*

Não vou comentá-lo. Queria apenas registrar que este é um dos poemas que gosto de ler em sala de aula. Ler em voz alta, pedir que cada um repita um ou mais versos de que mais gostou. Ler novamente todo o poema para que as imagens e o ritmo calem dentro de cada leitor/ouvinte. Mas também discuti-lo, dependendo do tempo, do objetivo que se tem e da turma com que se está trabalhando. O que seria essa *fidelidade sem compromisso*? Por que a *gente grande (...)* caçoava, ria-se daquela experiência infantil? Enfim, que *valor* é este que está representado no poema e por que esse título, *Indivisíveis*? E o que dizer dessa comunhão mítica entre a criança, seus bichos de estimação e seu primeiro amor? Aqui também poderíamos pensar numa das funções da poesia que é a de eternizar momentos singulares de nossa experiência. Octavio Paz (1990:54) refletiu agudamente sobre o caráter ao mesmo tempo histórico e mítico do poema. Para ele

O poema é um tempo arquetípico; e por sê-lo é tempo que se encarna da experiência concreta de um povo, um grupo ou uma seita. Esta possibilidade de encarnar-se entre homens torna-o manancial, fonte: o poema dá beber a água de um perpétuo presente que é, também, o mais remoto passado e o futuro mais imediato.

Quero partir destes três poemas de um mesmo poeta para fazer uma afirmação mais ampla relativa ao trabalho com poemas para adolescentes: não há propriamente uma poesia para jovens. E dos livros que têm surgido procurando ocupar este espaço, poucos conseguem se sustentar do ponto de vista estético. Tendem ao lugar comum, à facilitação de linguagem, e, sobretudo, à padronização de certos modelos e atitudes tidos como típicos do jovem. O que quero dizer é que se não há livros de poemas para jovens em quantidade e qualidade, por exemplo, comparável à poesia para criança. Por outro lado isto não me parece ser um problema. É possível buscar nas obras de nossos grandes poetas um bom nú-

mero de poemas para serem lidos em sala de aula. Hoje, com a facilidade dos recursos de duplicação, é possível em duas páginas reproduzir quatro ou cinco poemas para nossos alunos e fazer um razoável trabalho de iniciação à poesia². E se algum deles se encontrarem com a poesia de determinado poeta, com certeza irão à procura das obras integralmente.

Poetas contemporâneos

Felizmente o trabalho de seleção de poemas de diferentes poetas vem sendo feito. Sobre a poesia de Manuel Bandeira, temos *Berimbau* e *outros poemas*. Mas há ausências marcantes nesta antologia. Também de Carlos Drummond de Andrade organizou-se uma antologia para jovens leitores: trata-se de *A palavra mágica: poesia* que tem chegado a muitas escolas, sobretudo as particulares. De Mário Quintana temos *Nariz de Vidro*, boa antologia que indiquei para alunos de 8ª série e primeiro ano de ensino médio³. Mas, e Mario de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Jorge de Lima, para ficarmos apenas com alguns do grupo de modernistas. Mesmo que tivéssemos, de todos os nossos grandes poetas, excelentes seleções para jovens leitores, isso não nos tiraria a obrigação de visitar as obras completas e, sobretudo, de levar aquele poema que mais nos agrada. Como há muitos anos lembrou a professora Maria Antonieta Antunes Cunha⁴, o gosto pessoal do professor não pode ser desprezado, mais que isto, ele pode ser o diferencial no trabalho com o poema. Não podemos nem devemos nos subordinar ao gosto dos organizadores de antologias e muito menos ao dos autores de livros didáticos.

É bom, também, estar atento aos poetas mais recentes – vivos ou mortos. Por exemplo, na poesia de Adélia Prado, de Paulo Leminsk, de José Paulo Paes, entre tantos outros, encontramos qualidade estética e diversidade temática e de visão de mundo que as qualifica para o trabalho de sala de aula. Quanto aos temas, aqui tudo vale a pena. Não há por que privilegiar o amor, a paixão, os desejos quando se trata de poemas para jovens. Este privilégio é o que mais causa nalguns livros de poemas para jovens⁵. O amor, a paixão, nos encanta em qualquer fase da vida. Mas há outros interesses como os temas sociais, políticos, religiosos, esportistas, a condição da mulher entre tan-

² Trabalhei durante muitos anos com pequenas antologias mimeografadas em estêncil a álcool. Conheço professores que fazem isto até hoje. Sabemos que a absoluta maioria de nossas escolas públicas e particulares não tem acesso a material didático e muito menos à internet que possibilita acessar a obra de inúmeros poetas.

³ Apresentamos uma possibilidade de trabalhar com este livro de Quintana em *Poesia na sala de aula*.

⁴ Maria Antonieta Antunes Cunha publicou em 1976 o importante e desconhecido *Poesia na escola*, publicado pela DESCUBRA, de São Paulo.

⁵ Noutro estudo (Pinheiro, 2000) indico dois livros de poemas escritos para jovens que, me parecem, conseguiram nível estético superior à média. Trata-se de *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* e *Restos de arco-íris*, de Sérgio Caparelli.

tos. E cada sala terá um perfil diferenciado que deverá ser levado em conta na escolha dos poetas a serem trabalhados. E já que citei alguns poetas, vamos mostrar poemas de cada um deles.

Leminski (1993) tem momentos líricos surpreendentes, sempre marcados por forte tensão - nada parece pacificado, como nestes versos:

*o amor, esse sufoco
agora há pouco era muito
agora, apenas um sopra
ah, troço de louco,
corações trocando rosas,
e socos*

José Paulo Paes (1992) nos deixou poemas cheios de ironia e de questionamentos dos valores do mundo moderno. Sua poesia infantil já é bastante conhecida, mas há na sua obra poética, em geral, inúmeros poemas que temos lido com jovens e que têm se revelado de grande valor. Veja-se este grande poema que ele intitula *Ao Shopping Center*

*Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas
do mundo do consumo.*

*De elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.*

*Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que compre
estamos sempre nus*

*nós que por teus círculos
vagamos sem perdão
à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.*

A professora Maria Célia Ribeiro⁶ leu e discutiu este poema com seus alunos de 8ª série no período em que se instalava uma filial de uma grande rede de shopping em Campina Grande. Ela chamou a atenção para o fato de os alunos terem lido o poema pelo viés do humor. Noutras palavras, acharam o poema engraçado. (Pinheiro, 2000:106).

Agora, Adélia Prado (1991), talvez a autora da poesia mais peculiar que nos surgiu no final des-

te século XX e que permanece como uma ilustre desconhecida entre os nossos professores, a não ser por um ou outro poema que começa a aparecer nos livros didáticos. Toda uma perspicácia feminina que parece não ter idade ela nos entrega neste poema, *Fatal*

*Os moços tão bonitos me doem,
impertinentes como limões novos.
Eu pareço uma atriz em decadência,
mas, como sei disso, o que sou
é uma mulher com um radar poderoso.
Por isso, quando eles não me vêem
como se me dissessem: acomoda-te no teu galho,
eu penso: bonitos como potros. Não me servem.
Vou esperar que ganhem indecisão. E espero.
Quando cuidam que não,
estão todos no meu bolso.*

Três poemas, três momentos para discutirmos com nossos alunos questões sérias, das quais ninguém vai querer negar seu ponto de vista. Em Leminski a constatação de que o amor também muda, de que o amor é contraditório – *coração trocando rosas / e socos*. Mas é preciso destacar que há um ritmo que nos encanta, há uma forma que ordena a experiência marcada pela contradição. O professor poderia convocar inúmeros poemas que retomam a temática do amor para observar como cada autor organiza sua experiência, as peculiaridades de visão de mundo. Sonetos de Camões, algumas liras de Gonzaga, inúmeros poemas de Vinícius de Moraes, alguns de Adélia Prado poderiam formar uma seleta para ser detidamente apreciada em sala de aula. Poderiam comparecer nesta antologia canções populares. Observar, por exemplo, o modo de construção e os sentidos do poema *Amor é fogo que arde sem de ver*, de Camões e a canção *Faltando um pedaço*, de Djavan.

José Paulo Paes nos envolve no círculo vicioso do consumo e é como se, com suas imagens, nos pusesse nus, pois certamente muitas vezes todos nós *vagamos sem rumo*, como *almas penadas no mundo do consumo*. Quantas boas discussões presenciaremos a partir deste poema. Também aqui outros poemas poderiam ser convocados para estimular uma discussão. Por exemplo, *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade, poema longo, marcado por cortante ironia.

E Adélia? Há uma sabedoria feminina de que muitas vezes, nós, homens, nem sequer suspeitamos. Esse também um bom tema para debater. Inclusive, começar discutindo esta minha afirmação: Há mes-

⁶ A experiência de Maria Célia Ribeiro está relatada em PINHEIRO (2000), no artigo *De poesia, experiências e descobertas*.

mo uma sabedoria feminina? É preciso que se diga que muito pouca poesia feita por mulheres chega à escola, com exceção, talvez, de Cecília Meireles. Alguém já ouviu falar de Henriqueta Lisboa, de Hilda Hilst, de Olga Savary, e tantas outras, inclusive as (des)conhecidas apenas regionalmente? E por falarmos em desconhecidas, vejam que belo poema de uma autora de que certamente você nunca ouviu falar. Primeiro o poema:

Fronteira

*Invoquei seu nome
para fazer amor.
Às vezes me sinto um pomar
e sua mão de homem
em minha terra morna,
revela-me fecunda,
brisa entre as frutas.
Em meus peitos, só
de presteza e assanho,
um arrepio erigido
denunciou o desejo,
mas fiquei quieta
porque não era hora.
De súbito, o embaraço:
que fruta sorveria
de minha boca
se as maçãs não lhe confortam?
De caldo espesso, a ternura
faz um doce,
põe nele um nome
e diz que nunca acaba.
Minha mãe e eu sabemos
que isso é só engodo.
Sem limites, ó filha,
é só Deus.*

A autora é Cláudia Lidroneta (2004), uma mineira, médica, que mora em Uberlândia e publicou um livro chamado *O ouro de Ofir*. Como não pensar, depois da leitura deste poema, num sabor telúrico e sensual, na voz de um corpo que tem sede, mas sabe de seus limites.

Para não ficarmos apenas numa apreciação temática, é bom observar que os três poemas têm ritmos diferentes, formas peculiares e isto deve ser comentado com os alunos. Mas não com uma teoria pré-fabricada. Não, o texto é que deve suscitar o comentário. Noutras palavras, informações sobre teoria do verso, sonoridade, imagens devem ser mostradas em ação, isto é, deve-se chamar a atenção para o efeito estético que este ou aquele recurso tem no poema que se está estudando.

Como se pode observar, as sugestões aqui apresentadas sobre os três poemas estão ancoradas numa espécie de comparativismo temático. Há muitos outros caminhos. A indicação deste se deve à nossa experiência. Começar lendo um livro de poemas integralmente,

para quem não tem experiência de leitura de poesia, pode afastar alguns leitores (e aproximar outros). Por outro lado, o cultivo do gosto através da leitura semanal de um ou outro poema, poderá levar mais rapidamente a leitura de obras integrais. Leitores que irão procurar o livro não por que o professor indicou, ou está previsto para o vestibular, mas porque encontram um sentido, porque estas obras respondem a uma necessidade de experiência estética mais vertical.

O poder da poesia

O que nos guia ao longo destas reflexões é uma visão de que

O objetivo que permanece fundamental na poesia é o de nos colocar num estado segundo, ou, mais precisamente, fazer com que esse estado segundo converta-se num estado primeiro (Morin, 1998: 43).

Acreditamos, portanto, na possibilidade de *re-introduzir a poesia na vida* (Morin), sobretudo chamando a atenção para o que Oswald de Andrade falou no início do século: *A poesia está nos fatos*. Trata-se de buscar uma prática que se define por oferecer textos que possibilitem uma convivência mais sensível com o outro, consigo mesmo, com os fatos do cotidiano, com a vida e com a linguagem, enfim. Certamente este é um percurso de resistência. Resistência que deve começar dentro dos próprios cursos de Letras onde sempre estão nos cobrando aplicação de teorias, objetividade, produtividade. Em vinte anos de convivência com jovens, posso afirmar que é possível um trabalho sensibilizador através da poesia. E que sensibilizar não é oboba e não prescinde da razão, da reflexão. A proposta pode ser exigente, mas é sobremaneira prazerosa. Neste percurso uma questão é fundamental: não ensinamos poesia e não é um saber técnico-instrumental que define o trabalho; é, antes, uma convivência que se partilha. Diria mesmo, uma alegria que nasce da convivência com os jovens e com a poesia. Acredito que os poetas nos ensinam sentir melhor o mundo, a dar atenção às coisas que não têm importância nenhuma (Quintana nos lembra isto em vários poemas, sobretudo em *Ah, sim, a velha poesia*) e mesmo a descobrir naquilo que damos valor algo inesperado.

O poeta e crítico português Adolfo Casais Monteiro nos lembra que:

É certo que, tal como a linguagem da razão, a poesia também procura uma verdade. Mas é uma verdade daquela dimensão humana em que dois mais dois não é igual a quatro. Nem por isso é uma linguagem do absurdo, muito menos do irreal. O mais estranho poder da poesia é que torna o mundo mais verdadeiro, exatamente porque, nela, as palavras não funcionam como sinais, ou como rótulos, mas como substitutos de alguma coisa que permanece por trás delas (1965: 31).

Somente a convivência cotidiana com a poesia pode nos levar a esta percepção do “mundo mais verdadeiro” de que nos fala o poeta. E creio que a escola poderá oferecer uma aproximação mínima com a poesia. Para tanto, é bom lembrar: é o professor que conhece sua turma e sabe que poemas indicar, que tipo de discussão pode estimular e como procurar sensibilizar os leitores mais recalcitrantes.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, C. D. *A palavra mágica*. 3ª ed Rio de Janeiro: 1999.
- BANDEIRA, M. *Berimbau e outros poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- LEMINSKI, P. *Distraídos venceremos*. 5ª ed São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LIDRONETA, C. *O ouro de Ofir*. Campina Grande: Editora Bagagem, 2004.
- MACHADO, A. M. *Texturas? Sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MORIN, E. *Amor, poesia, sabedoria*. Trad. Edgard de A. Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MONTEIRO, A. C. *A palavra essencial: estudos sobre poesia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- PAES, J. P. *Prosas seguidas de Odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PAZ, O. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião U. Leite. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PINHEIRO, H. (Org.) *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000.
- PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- QUINTANA, M. *Apontamentos de história sobrenatural*. 3ª ed Rio de Janeiro: Globo, 1984.
- _____, *Nova antologia poética*. 3ª ed Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

